



DAS TÉCNICAS MÁGICO- RELIGIOSAS À RACIONALI- DADE TÉCNICA

Renato Somberg Pfeffer

O conceito de técnica

Na Grécia antiga, técnica era concebida como o conjunto de procedimentos que seguiam algumas regras preestabelecidas para fazer algo em função de um determinado fim. Técnica de governo, de estudo, de fabricação de algo... A técnica realizaria uma profunda alteração da natureza. Aristóteles considerava a técnica e a arte como saber produtivo, em oposição ao saber teórico (aquele que não modifica seu objeto) e prático (o que articula as ações humanas para conseguir a felicidade). Reduzindo a técnica ao meramente produtivo, os gregos acabavam desqualificando-a. A distinção entre técnica e arte, por sua vez, só foi forjada a partir da época

renascentista. Técnica e arte foram se secularizando e definindo seus campos de ação.

*A técnica é uma forma de
apropriação da natureza
pelo homem, portanto,
parte da cultura.*

Atualmente, o termo "técnica" não se refere apenas a um meio para alcançar um fim, como entre os gregos. Os filósofos da tecnologia perceberam que não é possível separar as esferas morais que possuem um fim em si mesmas, da esfera dos instrumentos que não teriam finalidade própria. Ou seja, a atividade humana e a técnica são indissociáveis. A técnica é uma

forma de apropriação da natureza pelo homem, portanto, parte da cultura.

No mundo antigo e medieval, a técnica não tinha apoio da ciência, envolvida que estava com os interesses religiosos ou do Estado.

O Renascimento rompe com esse paradigma, produzindo uma fusão entre técnica e ciência, na direção de um domínio técnico da natureza. Além disso, técnica e ciência permitem o domínio de um homem sobre outro, de uma sociedade sobre outra. A técnica nunca é neutra, pois está a serviço de uma determinada estrutura social.

A evolução tecnológica tem sido acompanhada do temor de que o homem seja dominado pela técnica. As reações da igreja durante o Renascimento, no século XVI, ou o ludismo no século XVIII, são exemplos disso. O que estava em jogo nesses e em outros momentos históricos era o uso social da técnica. Melhor dizendo, a disputa de diferentes grupos sociais pelo seu controle.

Classificação da tecnologia sob o prisma da finalidade e racionalidade

Levando em conta sua finalidade e racionalidade, as técnicas poderiam

ser classificadas como racionais e mágico-religiosas. As racionais se ligam à mediação do homem e da natureza: máquinas, instrumentos, sistemas burocráticos... As técnicas mágico-religiosas podem ser encarradas como ritos para alcançar fins de tipo sobrenatural que não seriam possíveis mediante técnicas racionais.

Técnicas mágico-religiosas: exemplificação

Durkheim (1968) definia as técnicas rituais como práticas relativas às coisas sagradas. A cerimônia segue normas rígidas provenientes da tradição e transmitidas pela própria sociedade (oralmente e/ou por textos sagrados). Esses símbolos e rituais é que distinguem o profano do sagrado e tratam de fazer penetrar o sagrado no profano. É ainda uma forma de controle que a sociedade exerce sobre seus membros, através do temor e da reverência.

Um exemplo paradigmático de técnica mágico-religiosa é o Golem da tradição judaica. Embora fosse uma noção estranha ao judaísmo tradicional, as massas judaicas se deixaram levar pela idéia de criação de seres humanos por processos outros que não o da procriação normal. O folclore judaico, de forma sacrílega, se apropria da função de Deus.

No seu significado mais simples, Golem significa massa inerte, disforme. No sentido folclórico, significa barro (argila) que se tornou vivo através do uso correto do nome secreto de Deus, simbolizado pelas quatro letras hebraicas (tetragrama) IHVH. Talvez a própria criação de Adão tenha contribuído para a lenda. Nas primeiras fontes, não há menções de que o Golem possa produzir qualquer benefício prático. Era um ritual mágico com propósito apenas contemplativo e simbólico, isto é, era uma experiência de êxtase. Seguindo um ritual complexo que envolvia danças, letras alfabéticas e o nome secreto de Deus, o Golem vivia. Seguindo ritual oposto, ele morria. Outras lendas afirmavam que a palavra *emet* (verdade) era inscrita em sua testa e, quando a primeira letra (alef) era apagada, restava a palavra *met* (morte). Mais tarde, em especial a partir do século XV, o Golem tornou-se uma criatura que servia ao seu criador.

O Talmud faz algumas referências à criação do Golem. O sábio Babilônico Rava, do século III, havia criado um ser igual ao homem, mas que não possuía o poder da fala (segundo a crença popular, só Deus poderia conceder essa faculdade). Há ainda a lenda dos sábios Chanina e Oshaia que, todo Shabat

(dia de descanso judaico), criavam um vitelo de três anos e o comiam.

Entre outras, a lenda mais popular de criação de um Golem foi a de Chelm. O rabi Elias teria trazido à vida seu Golem por meio da utilização da fórmula secreta do nome de Deus, que ele teria descoberto no livro da criação (*sefer Ietzirah*), um dos livros da Cabala (misticismo judaico). O rabi logo percebeu o poder destrutivo do "monstro" que havia criado e retirou o *Shem-Meforash* (nome secreto de Deus) do local onde havia colocado, a testa do Golem. Essa lenda deu origem a outras, a mais difundida delas a do Golem de Praga, no século XVII.

O frei dominicano Thadeus havia incitado a população de Praga contra os judeus, acusando-os de usar crianças cristãs para fazer o pão ázimo (*matzá*) para comemoração da saída do Egito (*Pessach*). Rabi Judá Low, conhecido como o Maharal (eminente), apelou aos céus para aplacar a perseguição que se seguiu. Ele teria recebido de Deus a ordem e a fórmula de criar um Golem para destruir os inimigos de Israel. Seguindo as ordens divinas à risca, Rabi Judá foi às quatro horas da manhã ao rio Moldau com dois discípulos. Moldaram um homem com três varas de comprimento (mais de três metros). Cada um dos três deu sete voltas em

torno dele, recitando encantamentos e ele abriu os olhos. O Maharal deu-lhe um nome – José – e uma profissão – sacristão. Ainda foi ensinado ao Golem que sua criação tinha o objetivo de defender os judeus indefesos. A partir daí, ele passa a defender o gueto de Praga. O rabi tirou a vida de José quando as ameaças cristãs passaram. Em um ritual tão complexo quanto o da criação, o Golem foi deixado no sótão da sinagoga de Praga, onde espera até hoje a vinda do Messias. Uma variante da lenda diz que o rabi resolveu desativá-lo, pois ele havia ameaçado toda a comunidade judaica após uma bebedeira.

A origem da lenda tem comprovação histórica: o rabi Judá, o frei Thadeus, as acusações de assassinato rituais são verdadeiras. A lenda não é apenas uma recordação inútil de massas supersticiosas, é uma recordação simbólica das mais importantes experiências históricas e culturais de um povo. O Golem de Praga foi uma tecnologia criada no imaginário judaico para dar conta das perseguições que sofriam no século XVII. Sua origem se relaciona com relatos antigos judaicos de ressurreição e também com idéias correntes em meios não judaicos (ex.: o homúnculo de Paracelso).

À medida que dominava a natureza

com novas tecnologias, o homem sonhava em se igualar a Deus. Assim foi com Prometeu, que tentou apoderar-se do fogo dos deuses, assim foi com a lenda do Golem. Essa tecnologia colocada a serviço do homem (o Golem como serviçal do seu criador) tornava-se potencialmente destrutiva, sendo necessário remover a letra alef e devolvê-lo ao pó.

Racionalidade técnica: exemplificação

A análise da teoria clássica (Taylor, Gulick, Fayol) sobre as organizações humanas demonstra claramente o paradigma da racionalidade técnica. As organizações seriam um conjunto formalizado e hierarquizado, tendo como objetivo assegurar a cooperação e coordenação de seus membros no cumprimento de determinados fins. O comportamento humano não constituía um problema. Comportamentos negativos nas organizações não eram vistos como resultado da irracionalidade do comportamento dos indivíduos. O problema devia-se às estruturas de trabalho (técnicas) mal concebidas. O postulado do Homo economicus considerava o comportamento humano perfeitamente previsível, percebendo cada agente sempre como racional, em busca de maximizar seus ganhos materiais. Bastava que as técnicas

corretas da burocracia fossem seguidas. Esse postulado foi empiricamente derrubado pelos experimentos nas fábricas da Western Electric em Hawthorne (1939), que provou a complexidade dos comportamentos humanos. Essas experiências puseram em evidência a importância dos sentimentos, dos fatores afetivos e psicológicos que a teoria clássica negligenciara. Tal descoberta veio dar origem a uma importante corrente: o movimento das relações humanas. O movimento, no entanto, continuava preso ao taylorismo ao considerar o indivíduo um ser passivo no trabalho, que respondia a estímulos técnicos a que era submetido. Além dos estímulos econômicos, acrescentavam-se agora estímulos afetivos para se conseguir determinados resultados. O pressuposto de racionalidade técnica para alcançar um objetivo ainda estava presente.

Vroom (1964) e Shein (1965) atenuaram o caráter redutor e normativo da escola de relações humanas, ao propor a noção de "homem complexo". Esse conceito aceita a multiplicidade das motivações que caracterizam a realidade e restituem ao indivíduo sua autonomia diante de suas necessidades. Ele volta a ser ativo e imprevisível. A tentativa de explicar o funcionamento das organizações numa abordagem que buscava um modelo ideal de saúde psi-

cológica chega ao fim. Sabendo-se que o indivíduo é um ser "complexo", a questão que se segue é analisar a racionalidade na tomada de decisões por parte dele. O modelo de racionalidade técnica onisciente proposto pela teoria clássica vai ser substituído aqui pelo modelo empírico da racionalidade relativa ou limitada, proposto por Simon (1957). Simon acreditava que uma teoria da ação administrativa devia ser construída sobre uma teoria da escolha racional. No entanto, deve-se admitir que a racionalidade humana está sujeita a limitações. Isso explicaria a aparente irracionalidade destas. Ao tomar decisões, o ator possui informações sempre incompletas, porque o conhecimento das conseqüências é sempre fragmentário. Ao mesmo tempo, nenhum decisor está apto a otimizar soluções, uma vez que a complexidade dos processos mentais supera a capacidade de tratamento da informação e de raciocínio do ser humano. Simon estava jogando por terra os pressupostos da racionalidade técnica onisciente proposta pela escola clássica.

Reflexão final – Tecnologia como racionalidade instrumental

Refletir sobre as dimensões humanas e sociais das tecnologias significa superar a visão que iguala

tecnologia/progresso/neutralidade e que não leva em conta suas consequências negativas. O Golem é uma tecnologia que confere poder de dominação aos detentores do segredo técnico – o nome secreto de Deus – de sua fabricação. Quando se transforma em uma tecnologia instrumental (perseguidor dos inimigos de Israel), o Golem ameaça seus próprios criadores, que têm que destruí-lo. Da mesma forma, o pressuposto da racionalidade técnica onisciente da teoria clássica e da escola de relações humanas serve a interesses determinados, interesses de dominação. Essas escolas da teoria organizacional não levavam em conta as contingências e a complexidade do ser humano, que tornavam impossíveis soluções baseadas totalmente na racionalidade técnica. Analisar a racionalidade instrumental da técnica passa a ser uma tarefa fundamental para se entender o mundo contemporâneo.

A teoria crítica é um marco dessa reflexão, tendo como categoria fundamental de análise a dinâmica da racionalidade instrumental. Seguindo o rastro de Marx, que tentou desmistificar o capitalismo como sistema econômico e ideológico no século XIX, a escola de Frankfurt e Habermas criticam as ilusões da sociedade do século XX, enfatizando o papel da tecnologia. Ciência e tecnologia seriam neutras? Não esconderiam formas sutis de domi-

nação? Quais as novas formas de dominação nessas sociedades?

A escola de Frankfurt, no seu início, acreditava que o marxismo seria um instrumento que reformaria as bases da sociedade totalitária, instaurando um sistema baseado na justiça social. O stalinismo, no entanto, levou a uma reestruturação crítica da doutrina. Seus membros passaram a apontar o papel da ciência e da ideologia para a perpetuação do totalitarismo. Nesse contexto, surge a diferenciação entre a razão esclarecedora e a razão instrumental. A primeira trabalha no sentido de emancipar o homem. A sociedade industrial é analisada em sentido global, pela consideração de seus fins e meios. A razão instrumental, por sua vez, busca os meios mais eficazes de controle e dominação da natureza. Serve de sustentação à sociedade tecnocrata.

Referências bibliográficas

1. AUSUBEL, Nathan. *Conhecimento judaico*. Rio de Janeiro: A. Koogan editor; 1989.
2. DURKHEIM, Emile. *Las formas elementales de la vida religiosa*. Buenos Aires: Ed. Shapiré, 1968.
3. SCHEIN, E. *Organizational Psychology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1965.
4. SIMON, H. *Models of man*. Nova York: Wiley, 1957.
5. VROOM, V.H. *Work and motivation*. Nova York: Wiley, 1964.

Renato Somberg Pfeffer, Mestre em Sociologia pela UFMG e Doutorando em Tecnologia, Filosofia e Sociedade pela Universidade Complutense de Madrid. Professor de História do Brasil do Curso de Turismo e Gestão em Hotelaria da FACE-FUMEC
